

COMPARTILHANDO SABERES E VIVÊNCIAS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO/INSERÇÃO DE BEBÊS

Sára Maria Pinheiro Peixoto ¹

Adriana Diniz Freire de Melo ²

Ana Catharina Urbano Martins de Sousa Bagolan ³

Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira ⁴

RESUMO

Compreendendo a adaptação/inserção como um processo primordial a entrada da criança a instituição de educação infantil, este artigo objetiva explicitar como se dá essa vivência, destacando sua importância e o papel de cada um dos envolvidos: criança, família, professor e instituição escolar, procurando entender como ocorre esse processo a partir da vivência de uma prática pedagógica com uma turma de Berçário 2, que compreende crianças com faixa etária de 1 ano e 2 anos de idade, do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN. Assim como, apresenta uma revisão bibliográfica de alguns teóricos do tema em questão, no intuito de estabelecer relações entre estes e a prática desenvolvida no âmbito educacional. Com o estudo foi possível observar a importância de se ter um processo de adaptação/inserção em um ambiente rico em estímulos e prazeroso em que o professor vise o pleno desenvolvimento da criança para que esta experimente esse momento sem muitos conflitos. Dessa forma, a adaptação/inserção torna-se um processo significativo quando a parceria entre escola e família é permeada por confiança e afetividade tendo em vista que, assim, a criança se sentirá segura e acolhida no espaço escolar.

Palavras-chave: Bebês, Infância, Adaptação/Inserção.

1. CONVERSA INICIAL

Incitamos a abertura desta introdução com a cantiga diária “Bom dia, vai começar a nossa cantoria”, cantiga esta, que está presente em todas as manhãs no momento inicial, quando convidamos nossas crianças para sentar na roda e juntos cantarmos e conversamos sobre a nossa rotina. Assim, não poderíamos fazer diferente, convidamos vocês também com essa cantiga para abrimos uma roda de conversa e dialogarmos sobre o processo de adaptação/inserção das

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, sarinha27@gmail.com

² Especialista em Gestão do Processo Educativo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, adri72@yahoo.com.br

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, aninhabagolan@hotmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, etinharon@gmail.com

crianças da turma de Berçário 2 do ano de 2019, do Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAp/UFRN.

Hoje sim, podemos abrir nossa roda inicial com essa cantiga, mas sabemos que para chegarmos nessa etapa e por se tratar ainda da primeira experiência de vida escolar dos bebês, é preciso planejar cuidadosamente essa intenção educativa, organizando o processo de adaptação/inserção com autonomia, tranquilidade e segurança, o que é essencial para nossos pequenos, como também para suas famílias, professores e instituição escolar.

Somos uma instituição pública que funciona como um Colégio de Aplicação, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN e ao Centro de Educação-CE, com atendimento da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, temos um trabalho pedagógico pautado em um contexto diferenciado, em que as experiências e vivências são construídas, promovendo interações entre criança/criança, criança/adulto, adulto/criança. Dessa forma, as novas aprendizagens são incitadas proporcionando reflexões científicas, pensando sempre a criança como centro de todo o nosso fazer docente.

Essa transição de ambientes familiar ao escolar é conhecida como o “processo de inserção” das crianças. Nesse aspecto, compreendemos a inserção como o começo de um elo relacional: pais e professores/equipe pedagógica tendo como centro do processo, a entrada da criança. Bove (2002, p. 135), nos aponta a nomenclatura inserção como um termo usado para designar “[...] a estratégia de dar início a uma série de relacionamentos e comunicações entre adultos e crianças quando a criança está ingressando em uma creche ou em uma pré-escola pela primeira vez”.

Considerando essas especificidades, podemos afirmar que o processo de adaptação/inserção é um momento de responsabilidade que deve ser compartilhado entre todos os envolvidos, e nós professores temos ainda que considerar que cada sujeito ali faz parte de um grupo social e cultural, tem histórias de vida distintas e experiências vividas bem diversificadas, desabrochando um composto de sentimentos e emoções nessa nova etapa a ser vivenciada.

Corroborando com essa ideia, Craidy e Kaercher (2001, p. 32) afirmam que

ao entrar na creche ou pré-escola a criança se depara com um novo ambiente, composto de adultos e crianças com os quais ela nunca interagiu. O distanciamento da família por longas horas do dia e a inserção em um novo ambiente, com rotinas específicas, exigirão da criança uma grande capacidade de adaptação. No entanto, este aspecto não diz respeito apenas à criança, mas exige de sua família e também dos/as profissionais que atuam na escola infantil um processo de adaptação.

As pesquisas mostram que o choro é a manifestação mais comum e visível entre os bebês, tanto na chegada quando a criança vai ter que ser entregue àquele adulto “desconhecido”, como na saída, quando os pais/responsáveis retornam para buscá-los, mas não é o único. Além do choro, a criança pode apresentar sinais de perturbação emocional através do grito, mal humor, deitar no chão, a resistência, a passividade, apatia, a não alimentação e até mesmo comportamentos regressivos (BALABAN, 1988).

Para a autora, a adaptação é sim um período transposto de medo, insegurança, choro, ansiedade, emoções, sintomas físicos e orgânicos, ou até mesmo de silêncio e taciturnidade, sensações e sentimentos intensos que cada um vai responder e reagir de acordo com suas particularidades, daí ser um processo doloroso tanto para os bebês, quanto para pais e professores. A autora nos afirma ainda que a separação é uma experiência que ocorrerá em todas as fases da vida humana, em algum momento todos um dia vivenciarão esse momento.

Frente às questões até então explanadas, evidenciamos os aspectos que norteiam esse relato de experiência sobre o processo de adaptação/inserção vivenciado na turma de bebês do Núcleo de Educação da Infância, da cidade de Natal/RN, no ano de 2019. Apresentamos brevemente esses argumentos introdutórios, seguimos pela fundamentação teórica e metodológica considerando as diversas estações vivenciadas por esse grupo, desde a entrevista com as famílias até o momento cultural produzido pelas famílias, expondo os desdobramentos do relato de experiência e dos resultados desprendidos a cada estação e, por fim, tecemos as considerações e as referências que nos fundamentaram na elaboração desse relato e que contribuíram para que esse processo fosse o mais aprazível e deleite possível.

2. ENTRE AFETOS E SABERES

De acordo com a Proposta Pedagógica da nossa instituição, tivemos como objetivos essenciais nesse processo: a integração da criança ao ambiente da instituição; a percepção do professor como organizador do trabalho pedagógico, entrelaçado por uma relação de afeto, confiança e cooperação; a elaboração de uma rotina diária proporcionando a construção gradativa dos fazeres e acontecimentos considerando os tempos e os espaços e a utilização de algumas estratégias intencionais para uma adaptação mais segura e tranquila para todos (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

Organizaremos aqui nossas ações educativas que destacará alguns momentos de grande relevância neste processo de adaptação/inserção dos bebês em nossa instituição.

Considerando a importância que o processo seja desencadeado antes mesmo da chegada da criança à instituição, primeiramente é feita uma reunião geral com a direção e coordenação e os pais das crianças selecionadas no sorteio, de modo que estes conheçam que lugar é esse e os princípios éticos, políticos e estéticos que norteiam o trabalho pedagógico da instituição. Destaca-se ainda um passeio pela escola, se a criança tiver junto melhor ainda, para que todos tenham o primeiro contato com o espaço físico e com as pessoas que ali estão presentes.

Em seguida, as professoras entram em contato individualmente com cada família e marcam um horário para a realização de uma entrevista, cuja intenção é de conhecer com mais especificidade cada criança e sua família, suas particularidades, bem como, ter o primeiro contato com os professores e auxiliares de creche e/ou bolsistas.

Vasconcellos (2016) que nos afirma que o processo de adaptação/ inserção abrange todos: criança, família, professores, espaço físico e tudo deve ser planejado junto a equipe técnica pedagógica, uma vez que, trata-se de um processo que se destaca sobre mudanças emocionais e acaba afetando a todos.

É um momento também dos pais apresentarem suas expectativas, anseios diante do novo e suas inseguranças para que esses sentimentos sejam acolhidos. Fazemos esse encontro na sala de referência da criança, para que a família e a própria criança já possam ter o contato com esse espaço que fará parte de sua rotina todos os dias.

Finalizado o primeiro momento, a equipe pedagógica (professores e coordenadores de ensino), juntamente com a equipe técnica (psicóloga, nutricionista e a pedagoga), realizam a primeira reunião administrativa/pedagógica com um momento de acolhida e deleite, uma vivência interativa para que seja um momento apesar de formativo, seja também prazeroso e de aprendizagem.

Nessa conversa, ainda dialogamos sobre a linguagem dessa faixa etária, que nessa fase a palavra é feita em atos, onde não é possível dizer as coisas e apresentar os sentimentos de forma linear e coordenada (PIMENTEL, 2006). Procuramos, assim, promover um ambiente acolhedor, repleto de relações e trocas entre os pares, marcados pela ludicidade em que a criança possa entrar no mundo simbólico mediada pela sua própria linguagem.

Barbosa (2010, p. 2) nos assinala que “os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história”.

Dada toda a fundamentação teórica e epistemológica que sustentam nossa prática, apresentamos que o processo de entrada das crianças não se dará todos de uma vez. Essa

primeira semana na instituição precisa ser muito bem planejada, é um momento que a criança e os pais necessitam de uma atenção especial, assim recebemos as crianças por grupos.

Sob essa perspectiva, adotamos a expressão “inserção”, por compreendermos que essa entrada de inserir a criança acontece de forma leve e sutil juntamente com um de seus familiares e esses grupos.

As professoras planejam atividades a serem vivenciadas juntamente com crianças e família, considerando a rotina da instituição: momento de acolhida, roda inicial, atividade lúdica, lanche, parque e roda final. Assim, a mesma programação permanece para os demais grupos garantindo, assim, que todos tenham as mesmas oportunidades de vivências e de trocas de experiências, diálogos e atenção.

Assim, vão se constituindo as primeiras semanas de adaptação/inserção, aumentando gradativamente a permanência da criança no ambiente. E esse “desmame” vai acontecendo gradualmente de acordo com as necessidades de cada criança, aquela criança que precisar de um tempo maior, seu responsável permanecerá nas atividades da rotina escolar e, aos poucos, vamos fazendo essa cisão.

Como parte integrante desse processo, é pensando também um momento para os pais, no intuito de que os sentimentos deles sejam acolhidos, compartilhados e elucidados. A equipe técnica (psicóloga, nutricionista e pedagoga), juntamente com a coordenação de ensino, fazem uma roda de conversa somente com os pais, com atividades de leitura, leituras reflexivas, textos fundamentados que dê apoio aos sentimentos vivenciados pelos pais/familiares promovendo uma maior segurança e suporte emocional.

É um momento bem particular, onde alguns choram, se silenciam, se soltam, alargam olhos curiosos ao desconhecido. Percebemos momento esse, como um espaço muito rico e instigante, uma vez que os pais/familiares são invadidos por emoções das mais diversas naturezas: medo, ciúme, desconfiança, culpa, separação;

Deste modo, inferimos que este momento é de grande responsabilidade e deve ser compartilhado conjuntamente com a instituição, visto que é preciso o real envolvimento de todos, o compromisso e a parceria tão inevitável para se conhecer e explorar esse novo lugar, esse novo espaço cada qual a sua maneira (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

Ao término de cada dia de adaptação, a coordenação de ensino, juntamente com a equipe técnica senta com o grupo de professores e auxiliares/bolsistas para estarem apontando e refletindo sob os aspectos positivos e negativos do dia, as faltas, bem com os excessos, pensando sempre à frente do dia seguinte e onde mais a coordenação juntamente com a equipe

técnica precisava estar mais próxima, estabelecendo também esse olhar cuidadoso, de respeito e cooperação entre os pares.

Falar em adaptação é depreender que se trata de um momento moroso e delicado para alçar vínculos, que precisam de tempo e espaços para serem conquistados por todos. É um processo que não se conclui, está sempre se refazendo a cada instante, ao longo da vida humana (FREIRE, 2000).

Todas essas considerações respaldam a condição de conceber e planejar as atividades propostas cuidadosamente para nossos bebês. Deste modo, como uma forma de ludicidade e mostrarmos que a escola está sempre em interação com as famílias, a coordenação de ensino, planejou junto aos pais/familiares que fizeram parte desse processo de adaptação/inserção, um momento alegre, prazeroso bem descontraído a ser apresentado para nossos bebês. Foi organizado uma apresentação cultural baseado na cantiga “A linda Rosa Juvenil”, onde as crianças do berçário seriam os espectadores de toda essa vivência lúdica e encantadora.

As crianças ficaram maravilhadas frente aos seus pais marcados por personagens de vida e cores, outras assustadas, querendo ir ao encontro dos mesmos, mas também tivemos aqueles que adentraram nesse universo lúdico e poético que é fazer o cotidiano da Educação Infantil.

Como podemos perceber, a criança é o centro do nosso fazer educativo e temos que possibilitar aprendizagens significativas frente a tudo que fora vivenciado e experimentado. Fundamentados em todas essas premissas, acreditamos que a criança não brinca apenas pelo brincar, mas como uma forma de explorar sua imaginação e representar a realidade vivida. Brincando, interagindo, a criança aprende a conviver no grupo, a vivenciar e a elaborar regras, a ouvir opiniões diferentes das suas, a experimentar diferentes papéis sociais, e a posicionar-se quanto indivíduo e enquanto parte de um grupo (MENDONÇA, 2012).

Pensar desde o processo embrionário desse processo é pensar sobre as experiências que queremos desenvolver para nossas crianças, é pensar sobretudo no acolhimento desse novo, desse estranhamento, mas também na receptividade e encantamento, pois este processo não se encasula da noite para o dia, é um fazer constituído diariamente, no intuito de ampliarmos o mundo social, emocional, cognitivo de nossos bebês.

3. CONVERSA FINAL

A entrada da criança à instituição se faz pela necessidade de expandir seu pequeno mundo familiar. Todas as nossas ações educativas foram movidas pelas ideias/concepções de

criança e infância, desenvolvimento, aprendizagem, brincadeiras, interações, educar e cuidar, educação inclusiva e avaliação, partindo do entendimento que nossa instituição tem um papel relevante nesse fazer educativo diário, mediando e dinamizando experiências prazerosas.

Frente a todo o exposto, vimos que o processo de adaptação não se finda necessariamente, está em um ciclo constante entre sentimentos e segurança. Deste modo, considerando as especificidades das crianças do Berçário 2, toda a rotina é pensada e organizada para que os bebês se sintam tranquilos, seguros e confortáveis, na qual os tempos e os espaços vão sendo construídos e alicerçados conforme esse processo de tranquilidade vai ficando comedido.

Acreditamos em um planejamento sistemático e dinâmico desse processo tão importante na vida dos bebês. Podemos dizer que foi um processo tranquilo, mas temos que deixar claro que exigiu de todos muita paciência, confiança, compreensão e disponibilidade, além de atividades instigantes e prazerosas que pudessem ser desenvolvidas com os bebês em curto intervalo de tempo, sabendo que a concentração nessa faixa etária é bem pequena. Teve choro sim, teve medo, teve colo, teve acalanto, mas teve muito desejo de deixá-los bem, movidos pelo encantamento, envolvimento, brincadeira e risos.

Apontamos como essencial essa parceria e interação entre família e instituição, para que haja a construção de laços e vínculos saudáveis, favoráveis a troca de vivências e ao pleno desenvolvimento da criança, sendo ela o principal sujeito desse processo, pois a confiança e segurança vão sendo estabelecidas à medida que os dias vão passando e os pais conhecendo o trabalho pedagógico desenvolvido.

O professor é fundamental, pois são eles que mediarão esse laço de estabilidade e clareza de como agir com os pais, hora de um pai ficar, hora de um pai sair da sala de referência. A quantidade de adultos por sala também deve ser pensando, nem muito, nem tão pouco, deve ser o número ideal pela quantidade de crianças, pois assim, um adulto encaminha o trabalho pedagógico, enquanto o outro fica mais disponível para se envolver com as situações adversas que podem vir acontecer (choro, vômito, troca de fraldas, etc) e, ainda, um outro para colaborar nessa acolhida, segurança com as famílias, é um trabalho de parceria.

É sob esta e outras concepções que estão alicerçados nossos saberes e fazeres desta instituição de Educação Infantil, garantindo uma ação educativa consistente, considerando as especificidades dessa faixa etária, promovendo uma relação social com o outro, com o meio, com o conhecimento de forma lúdica e encantadora.

REFERÊNCIAS

BALABAN, N. O início da vida escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: **Anais do I Seminário Nacional: currículo em Movimento**. Perspectivas Atuais: Belo Horizonte, 2010.

BOVE, Chiara. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella. **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002

CRAIDY, Carmem e KAERCHER, Gládis. **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

VASCONCELLOS, Vera M. R. de; SOUZA, Sirlene. O.; SILVA, Daniele Félix da. Creche, Inserção e Berçário. In: VASCONCELLOS, Vera M. R.; EISENBERG, Zena. (Org.). **As muitas faces de uma creche**: pesquisa acadêmica na Educação Infantil. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2016, v.1, p. 37-59.

MENDONÇA, U. M. S. de. **Novos olhares das crianças sobre a Escola de Educação Infantil**. Natal: EDUFRN, 2012.

PIMENTEL, G. S. Entrelaçando vivências e saberes na Educação Infantil. In: **Coleção Faça e Conte**. Núcleo de Educação da Infância, Natal: UFRN, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Educação. Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação. **Proposta Pedagógica**. Natal, 2017, no prelo.